Capítulo 1

Escrever é diferente de falar

"Preciso entregar esse texto e queria que você lesse antes, para ver se está bom."

A frase acima traduz uma situação bastante comum. Mesmo alguém experiente na leitura e na escrita sente necessidade da avaliação de outra pessoa sobre o que escreve. Escritores consagrados, do passado e da atualidade, também mantiveram, e mantêm, o hábito de trocar correspondências sobre sua obra.

Há momentos em que surgem dúvidas sobre a grafia das palavras (se têm acento, se levam um *s* ou dois...), sobre a pontuação, o emprego de maiúsculas etc. Às vezes, somos dominados por uma insegurança que nos impede até mesmo de saber ao certo qual é nossa dúvida. Sentimos que falta algo no texto, mas não sabemos o que é. Isso é natural, pois se trata de uma dificuldade enfrentada por todos que estão aprendendo o funcionamento da *língua escrita.* À medida que ampliamos nosso conhecimento sobre ela, essas sensações vão sendo superadas.

A língua escrita não é o simples registro da fala. Falar é diferente de escrever. A fala espontânea, por exemplo, é menos planejada, apresenta interrupções que não são retomadas. Além disso, conta com outros recursos, como os gestos, o olhar, a entonação. Já a escrita possui muitas convenções. Ela precisa ser mais contínua, sem os cortes repentinos da fala, e mais exata, porque geralmente não estamos perto do leitor para lhe explicar o que queremos dizer.

Você, que é falante nativo de português, aprendeu sua língua materna espontaneamente, ouvindo os adultos falarem ao seu redor. O aprendizado da língua escrita, porém, não foi assim, pois exige um *aprendizado formal*. Ele ocorre intencionalmente: alguém se dispõe a ensinar e alguém se dispõe a aprender. Geralmente há local, momento e material próprios para isso. Obviamente, em algumas ocasiões, é possível improvisar: um irmão mais velho pode ensinar o que já aprendeu na escola para o irmão mais novo, por exemplo. De qualquer forma, dificilmente aprendemos a ler e a escrever por acaso, sem ter a intenção disso.

Outro ponto importante: da mesma forma que uma criança aprende a falar observando os outros falarem, o aprendizado da língua escrita requer acesso a textos escritos, ou seja, aprendemos a ler lendo e a escrever escrevendo. A leitura e a escrita necessitam de prática. Por isso, mesmo que uma ou outra atividade de escrita lhe ofereça dificuldade, você deve se empenhar ao máximo para realizá-la. Procure reler e revisar o que foi escrito, e, quando necessário, passe o texto a limpo. No começo, você pode achar difícil, mas os resultados compensarão.

Neste capítulo, vamos exercitar algumas características da linguagem escrita. Além disso, vamos estudar uma variedade da língua portuguesa: a norma culta. Para entender o que ela é

e a sua importância, é preciso antes conhecer alguns conceitos.

Em primeiro lugar, não há um único jeito de falar e escrever. A língua portuguesa apresenta muitas variantes, ou seja, pode se manifestar de diferentes formas. Há variantes regionais, próprias de cada região do país. Elas são perceptíveis na pronúncia, no vocabulário (fala-se "pernilongo" no Sul e "muriçoca" no Nordeste, por exemplo) e na construção de frases.

Essas variantes também podem ser de origem social. As classes sociais menos escolarizadas usam uma variante da língua diferente da usada pelas classes sociais que têm mais escolarização. Por uma questão de prestígio — vale lembrar que a língua é um instrumento de poder —, essa segunda variante é chamada de **variedade culta** ou **norma culta**, enquanto a primeira é denominada **variedade popular** ou **norma popular**.

Contudo, é importante saber o seguinte: as duas variantes são eficientes como meios de comunicação. A classe dominante utiliza a norma culta principalmente por ter maior acesso à escolaridade e por seu uso ser um sinal de prestígio. Nesse sentido, é comum que se atribua um preconceito social em relação à variante popular, usada pela maioria dos brasileiros. Esse preconceito não é de razão linguística, mas social. Por isso, um falante deve dominar as diversas variantes porque cada uma tem seu lugar na comunicação cotidiana.

Como a linguagem possibilita acesso a muitas situações sociais, a escola deve se preocupar em apresentar a norma culta aos estudantes, para que eles tenham mais uma variedade à sua disposição, a fim de empregá-la quando for necessário.

Há ainda mais um detalhe que vale a pena lembrar. A norma culta existe tanto na linguagem escrita como na linguagem oral, ou seja, quando escrevemos um bilhete a um amigo, podemos ser informais, porém, quando escrevemos um requerimento, por exemplo, devemos ser formais, utilizando a norma culta. Algo semelhante ocorre quando falamos: conversar com uma autoridade exige uma fala formal, enquanto é natural conversarmos com as pessoas de nossa família de maneira espontânea, informal. Assim, os aspectos que vamos estudar sobre a norma culta podem ser postos em prática tanto oralmente como por escrito. Neste capítulo, vamos ler dois textos. Eles permitirão aprofundar questões relativas à escrita e à maneira formal de as pessoas se expressarem em português.

Convite à leitura

O primeiro texto é um parágrafo produzido por um aluno.

A violência em nosso pais esta a cada dia que passa se acentuando mais, isto devido a diversos fatores podemos citar o fator economico a ganancia do homem pelo dinheiro, o desemprego dos pais, a falta de moradias, alimentação e educação impedem o de criar seus filhos dignamente dai a grande violencia da sociedade o menor abandonado, que sozinho sem ter uma mão firme que o conduza pela vida, parte para o crime o roubo na tentativa de sobreviver.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 75. (Fragmento.)

Diálogo com o texto

Respondam às questões oralmente.

1. Qual é o assunto do texto?
2. Que aspecto desse assunto é expresso no parágrafo que você leu?
3. Releia o texto, tente identificar os problemas dele e explique-os aos colegas.

Emprego do ponto

De acordo com a norma culta escrita, o parágrafo acima apresenta falhas. Para adequá-lo, é preciso que se apliquem algumas regras da *modalidade escrita*, como as que serão vistas a seguir.

As várias ideias que compõem um texto precisam ser apresentadas de maneira que o leitor possa acompanhá-las. Por isso, é importante saber usar um determinado sinal de pontuação: o **ponto** [**.**]. Ele marca o fim de uma declaração. Em seguida, pode-se iniciar outra, empregando sempre a *letra maiúscula*.

Leia o parágrafo abaixo:

> *As cidades são obras complexas as características marcantes delas são a concentração de pessoas e edificações e a grande diversidade social e econômica sobretudo em países como o Brasil a cidade também é cenário de grandes desigualdades.*
>
> GIANSANTI, Roberto. *A cidade e o urbano no mundo atual*. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2003. p. 11. (Fragmento adaptado para fins didáticos.)

Agora, examine a sequência abaixo para entender como empregar o ponto nesse texto, a fim de separar suas ideias.

a) O autor faz a primeira declaração:
"As cidades são obras complexas."

b) Em seguida, acrescenta uma frase que justifica essa declaração:
"As cidades são obras complexas. As características marcantes delas são a concentração de pessoas e edificações e a grande diversidade social e econômica."

c) Como a explicação não está completa, ele prossegue:
"As cidades são obras complexas. As características marcantes delas são a concentração de pessoas e edificações e a grande diversidade social e econômica. Sobretudo em países como o Brasil, a cidade também é cenário de grandes desigualdades."

É essa divisão que permite ao leitor acompanhar a informação que o autor traz. Seria difícil se o leitor tivesse que, sozinho, identificar cada ideia do texto. Ele provavelmente precisaria ler repetidas vezes para corrigir os enganos que certamente ocorreriam.

A frase que se inicia com a letra maiúscula e se estende até o ponto é chamada de período. Os períodos também podem terminar com *ponto de interrogação* (?) e *ponto de exclamação* (!).

Em alguns textos, os períodos são mais longos. Isso é possível desde que o leitor possa acompanhá-los sem se perder.

Emprego de alguns pronomes

Na língua, alguns pronomes são usados para evitar repetições de palavras, ou seja, eles substituem substantivos ou expressões mencionados antes. Alguns estão apresentados a seguir:

a) **O rapaz e**ntregou o dinheiro ao comerciante.
Ele entregou o dinheiro ao comerciante. (*Ele* substitui quem entrega.)
b) O rapaz entregou **o dinheiro** ao comerciante.
O rapaz entregou-**o** ao comerciante. (*O* substitui o que foi entregue.)
c) O rapaz entregou o dinheiro **ao comerciante**.
O rapaz entregou-**lhe** o dinheiro. (*Lhe* substitui a pessoa para quem foi entregue.)

Os pronomes *ele* e ***o*** substituem termos masculinos no singular e *eles* e *os* substituem termos masculinos no plural. Para os termos femininos, empregam-se *ela* e ***a*** no singular, e *elas* e *as* no plural.

Os pronomes *lhe* e *lhes* servem para os dois gêneros.

É comum na linguagem informal o emprego de *ele* e *ela* no lugar de ***o*** e ***a***. As pessoas dizem, por exemplo, "Minha irmã viu ele lá". Na norma culta, a frase seria: "Minha irmã viu-o lá", porque o pronome "***o***" está substituindo quem foi visto.

Observação: Há casos em que os pronomes **o**, **os**, **a**, **as** passam por algumas adaptações a fim de ter sua pronúncia facilitada.
a) Um dos casos é quando o verbo termina em **-r**. Veja o que ocorre:
Encontraram a aluna e foram chamar a aluna.
Encontraram a aluna e foram chamá-la.
O verbo chamar perde o -r final e o pronome passa a ser **la**, em vez de **a**.
b) Outro caso de adaptação ocorre quando o verbo termina em **-m**. Examine:
Procuraram as meninas e encontram as meninas no parque.
Procuraram as meninas e encontraram-nas no parque.
O pronome passa a ser **nas** em vez de **as**.

A concordância entre as palavras

A concordância entre as palavras é uma importante característica da linguagem escrita e oral. Ela é um dos princípios que ajudam na elaboração de orações com significado, porque mostra a relação existente entre as palavras.

Verifique como isso funciona:

Alguns **insetos** provocam **doenças**, às vezes, fatais à **população** ribeirinha.

insetos (masculino, plural) ← alguns (masculino, plural)

doenças (feminino, plural) ← fatais (feminino, plural)

população (feminino, singular) ← ribeirinha (feminino, singular)

As palavras centrais (insetos, doenças, população) são acompanhadas por outras que esclarecem algo sobre elas. As palavras acompanhantes são escritas no mesmo gênero (masculino/feminino) e no mesmo número (singular/plural) que as palavras centrais.

Essa relação ocorre na norma culta. Muitas vezes, na norma popular, a concordância acontece de maneira diferente. Veja:

Os **livro** ilustrado mais interessante estão emprestado.

livro (masculino, singular) →
os (masculino, plural)
ilustrado (masculino, singular)
interessante (masculino, singular)
emprestado (masculino, singular)

Você acha que o autor dessa frase se refere a um livro ou a mais de um livro? Vejamos:

O fato de haver a palavra *os* (plural) indica que se trata de mais de um livro. Na variedade popular, basta que esse primeiro termo esteja no plural para indicar mais de um referente. Reescrevendo a frase no padrão da norma culta, teremos:

Os **livros** ilustrado**s** mais interessante**s** estão emprestado**s**.

Você pode estar se perguntando: "Mas eu posso falar 'os livro?'"

Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de **preconceito linguístico**. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

O menino pegou o peixe. menino → singular pegou → singular	Os meninos pegaram o peixe. meninos → plural pegaram → plural
O menino pegou o peixe. menino → 3.ª pessoa pegou → 3.ª pessoa	Eu peguei o peixe. eu → 1.ª pessoa peguei → 1.ª pessoa

Na norma culta, o verbo concorda, ao mesmo tempo, em número (singular/plural) e em pessoa (1.ª/2.ª/3.ª) com o ser envolvido na ação que ele indica.

Na variedade popular, contudo, é comum a concordância funcionar de outra forma. Há ocorrências como:

Nós pega o peixe.

nós → 1.ª pessoa, plural
pega → 3.ª pessoa, singular

Os menino pega o peixe.

menino → 3.ª pessoa, ideia de plural (por causa do "os")
pega → 3.ª pessoa, singular

Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala.

Observação: Quando se refere à concordância, a palavra *pessoa* não tem o sentido de ser humano. Nesse contexto, *pessoa* refere-se aos envolvidos no ato de fala, que não precisam ser indivíduos. Existe aquele que fala (1.ª pessoa), aquele com quem se fala (2.ª pessoa) e aquele de quem se fala (3.ª pessoa). Exemplos:

Não vi sua revista, mãe.
(1.ª pessoa: o filho; 2.ª pessoa: a mãe; 3.ª pessoa: a revista).

Mas eu a deixei aqui!
(1.ª pessoa: a mãe; 2.ª pessoa: o filho; 3.ª pessoa: a revista)

Sílaba e acento gráfico

Para entender o sistema de acentuação gráfica, é preciso conhecer alguns conceitos. Um deles é o de **sílaba**.

Repare que, quando falamos uma palavra, nossa pronúncia é marcada por impulsos sonoros. Preste atenção em como pronunciamos as palavras. Observe: *pa la vra*. Cada som que você pronunciou em uma só emissão de voz representa uma sílaba. Assim, "palavra" tem três sílabas.

Atente à separação de sílabas: *vogais idênticas*, *rr*, *ss*, *sc*, *xc* ficam separados na escrita.

Exemplos: ca-a-tin-ga; co-or-de-na-ção; car-ro; as-sa-do, nas-ci-men-to, ex-ce-ção etc.

Sílaba tônica é aquela pronunciada com mais intensidade. O *acento gráfico* é o sinal que marca a sílaba tônica de algumas palavras na escrita. Os acentos mais empregados com essa finalidade são o acento agudo (´) e o acento circunflexo (^).

Toda palavra com mais de duas sílabas apresenta uma sílaba tônica, que poderá ser a última, a penúltima ou a antepenúltima. Exemplos:

moderno → mo-der-no (a sílaba tônica é **der**)
moderníssimo → mo-der-nís-si-mo (a sílaba tônica é **nís**)
modernizar → mo-der-ni-zar (a sílaba tônica é **zar**)

Portanto: *Modernizar* tem a **última** sílaba tônica; *moderno* tem a **penúltima**; *moderníssimo* tem a **antepenúltima**.

Veja ao lado a classificação que essas palavras recebem, de acordo com a posição da sílaba tônica.

Última sílaba é a tônica	**Oxítona**
Penúltima sílaba é a tônica	**Paroxítona**
Antepenúltima sílaba é a tônica	**Proparoxítona**

Existem algumas regras que orientam o emprego dos acentos agudo e circunflexo. Vamos estudar quatro delas.

1. Toda palavra proparoxítona tem a sílaba tônica marcada com acento.
Exemplo: pássaro (pás-sa-ro); lâmpada (lâm-pa-da).

2. Quando palavras paroxítonas ou oxítonas terminam em **a**, ocorre o seguinte: as oxítonas têm a sílaba tônica acentuada; as paroxítonas, não.

- Paroxítonas sem acento — **onda** on — da | **revista** re — vis — ta | **economia** e — co — no — mi — a
- Oxítonas com acento — **sofá** so — fá | **guaraná** gua — ra — ná | **tamanduá** ta — man — du — á

Essa regra permite marcar a pronúncia diferente de palavras escritas com as mesmas letras. Exemplos:

Eu não **sabia** de nada. (sa-**bi**-a → paroxítona terminada em **a**: não é acentuada)

Um **sabiá** pousou no galho da laranjeira. (sa-bi-**á** → oxítona terminada em **a**: é acentuada)

Na semana anterior, ele **comprara** o material. (com-**pra**-ra → paroxítona terminada em **a**: não é acentuada)

Na próxima semana, ele **comprará** o material. (com-pra-**rá** → oxítona terminada em **a**: é acentuada)

3. Quando a vogal **i** estiver sozinha em uma sílaba tônica, ela é acentuada.
Exemplos:
A chuva **cai** sem parar. (**cai** → letra **i** não está sozinha: não é acentuada)
Eu **caí** na escada. (ca-**í** → letra **i** está sozinha na sílaba tônica: é acentuada)
Essa regra permite marcar a pronúncia diferente de palavras escritas com as mesmas letras.

Observações:

- Se houver **nh** na sílaba seguinte à letra **i**, que está sozinha na sílaba tônica, ela não é acentuada. É o que ocorre com *rainha* (ra-**i**-nha → letra **i** sozinha na sílaba tônica, seguida de **nh**: não é acentuada).
- Se houver apenas **is** na sílaba tônica, haverá acento. É o que ocorre com: *egoísta* (e-go-**ís**-ta → apenas **is** na sílaba tônica: é acentuada).

Com o último Acordo Ortográfico, os acentos relativos ao item **c** são válidos se, na sílaba anterior a um **i** paroxítono, houver apenas uma vogal. Havendo ditongo, não se acentua. Exemplos:

Chei-i-nho (Letra **i** é tônica e está sozinha, mas é paroxítona e antes dela há o ditongo **ei**. Por isso, a palavra não recebe acento.)

Pi-au-í (Ocorre o mesmo, mas a letra **i** é oxítona. Por isso, recebe acento.)

4. Quando uma palavra paroxítona tem na última sílaba ditongos como **-ia**, **-ie**, **-io**, **-ua**, **-ue** etc., ela é acentuada.
Exemplos:
história → his-**tó**-ria (paroxítona terminada em **ia**: é acentuada)
série → **sé**-rie (paroxítona terminada em **ie**: é acentuada)
água → **á**-gua (paroxítona terminada em **ua**: é acentuada)
incêndio → in-**cên**-dio (paroxítona terminada em **io**: é acentuada)

Essa regra permite marcar a pronúncia diferente de palavras escritas com as mesmas letras. Exemplos:

A **notícia** chegou. (no-**tí**-cia → paroxítona terminada em **ia**: é acentuada)

O jornal **noticia** as mortes. (no-ti-**ci**-a → paroxítona terminada em **a**, não em **ia**: não é acentuada)

Explorando o universo textual

Você examinou apenas o primeiro parágrafo de um texto escrito por um aluno. Mesmo assim, verá que esse trecho possibilita muitas observações e descobertas a respeito da língua escrita. Releia-o:

> *A violência em nosso pais esta a cada dia que passa se acentuando mais, isto devido a diversos fatores podemos citar o fator economico a ganancia do homem pelo dinheiro, o desemprego dos pais, a falta de moradias, alimentação e educação impedem o de criar seus filhos dignamente dai a grande violencia da sociedade o menor abandonado, que sozinho sem ter uma mão firme que o conduza pela vida, parte para o crime o roubo na tentativa de sobreviver.*

Você deve ter observado que o tema do texto é a violência, pois isso fica claro logo no início. Mas o texto não facilita o trabalho do leitor, e você, que tentou lê-lo, deve saber por quê. A divisão do texto em períodos, marcados com ponto, não ocorreu.

Em uma das partes, o leitor consegue determinar onde poderia estar o ponto:

> *A violência em nosso país está a cada dia que passa se acentuando mais, isto devido a diversos fatores podemos citar [...]*

Nesse trecho, percebe-se que a intenção do autor era escrever:

> *A violência em nosso país está a cada dia que passa se acentuando mais***.** **I***sto devido a diversos fatores.* **P***odemos citar [...]*

Porém, a partir daí, o leitor não detecta com facilidade o que o autor quis dizer. De todas as possibilidades, vamos optar por uma que pareça coerente a fim de prosseguir em nossa análise:

> **P***odemos citar o fator econômico, a ganância do homem pelo dinheiro.* **O** *desemprego dos pais, a falta de moradias, alimentação e educação impedem o de criar seus filhos dignamente.* **D***aí a grande violência da sociedade.*

Esse trecho permite-nos constatar que uma cuidadosa divisão em períodos é decisiva para a clareza dos textos escritos. A língua oral conta com gestos, expressões, entonação de voz, enquanto a língua escrita precisa contar com outros elementos. A pontuação é um deles.

Vamos analisar outro aspecto: a relação entre alguns elementos do texto. Releia o trecho acima, atentando à expressão "impedem o de criar seus filhos". Impedem quem de criar os filhos? A quem se refere a palavra "o"? Pelo sentido que o texto tem, você provavelmente responderá que "impedem os pais". Como a expressão "os pais" já foi usada anteriormente, o autor não precisa mesmo repeti-la; ele pode empregar um pronome no lugar dela. Repare que a expressão "os pais" está no plural, por isso deve ser substituída por um pronome plural, como vimos anteriormente; no caso, "os", não "o". Observe:

O desemprego dos pais, a falta de moradias, alimentação e educação os impedem de criar seus filhos dignamente. Daí a grande violência da sociedade.

Há ainda outra ocorrência bastante comum em textos longos: o autor parece perder a sequência do raciocínio. Vamos examinar um trecho para tornar a questão mais perceptível:

O menor abandonado, que sozinho sem ter uma mão firme que o conduza para a vida, parte para o crime o roubo na tentativa de sobreviver.

Você notou que o período começou e não terminou? O que se passa com esse menor? Falta completar.

Uma maneira de corrigir esse trecho seria eliminando a palavra "que". Veja:

*O menor abandonado, **que** sozinho sem ter uma mão firme que o conduza para a vida, parte para o crime o roubo na tentativa de sobreviver.*

E, depois, com a inclusão de três vírgulas:

*O menor abandonado, **que** sozinho**,** sem ter uma mão firme que o conduza pela vida, parte para o crime**,** o roubo, na tentativa de sobreviver.*

O trecho original ainda necessita de algumas alterações. A primeira consiste em escrever "moradia", no singular, porque trata-se da condição de morar, no geral, não de residências específicas. Outra mudança que pode contribuir para a clareza do texto é o uso da palavra *e*, em vez da vírgula, para ligar dois elementos (fator econômico + ganância do homem). Além desse acréscimo, convém fazer outro no trecho em que se indicam as carências: "falta de moradia, de alimentação e de educação". Convém repetir a palavra *de* antes de *alimentação* e *educação*, caso contrário, pode parecer que a presença de alimentação e educação impede a criação digna.

No texto original, há erros de acentuação gráfica. Com base nas regras que você estudou, é possível acompanhar as correções: país (não *pais*); daí (não *dai*); está (não *esta*); econômico (não *economico*); ganância e violência (não *ganancia* e *violencia*).

Se juntarmos tudo que foi revisado, teremos:

A violência em nosso país está a cada dia que passa se acentuando mais. Isto devido a diversos fatores. Podemos citar o fator econômico e a ganância do homem pelo dinheiro. O desemprego dos pais, a falta de moradia, de

alimentação e de educação os impedem de criar seus filhos dignamente. Daí a grande violência da sociedade. O menor abandonado, sozinho, sem ter uma mão firme que o conduza pela vida, parte para o crime, o roubo, na tentativa de sobreviver.

Roda de escrita

1. Separe as sílabas das palavras destacadas, analise se elas precisam ou não de acento e reescreva as frases corretamente.

a) Eu **percebia** uma vantagem na troca de **horario**.

b) A **infancia** parecia ter terminado.

c) Não **inicio** a leitura porque não há claridade.

d) A **cerimonia** já teve **inicio**.

e) A ferida não **doia** mais.

f) Nós **caimos** na conversa dele.

2. Leia as palavras da lista abaixo. Reescreva-as dividindo suas sílabas, circule a sílaba tônica de cada uma e acentue quando necessário.

principe: ______ japonesa: ______
tucano: ______ grafico: ______
magico: ______ tecnologia: ______
cupuaçu: ______ tecnologico: ______
maximo: ______ onibus: ______

Lembre-se: todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

3. Reescreva as frases e, se necessário, acentue as palavras destacadas.

a) Será que até amanhã ela **descobrira** a resposta?

b) **Esta** caneta é sua ou minha?

c) Antes de terminar o prazo ela já **descobrira** a resposta.

d) Você **fica** irritado quando **esta** com sono?

4. Leia as frases abaixo e reescreva-as substituindo a palavra repetida, que está sublinhada, por um dos seguintes pronomes: ele – ela – o – a – lhe; eles – elas – os – as – lhes.

> **Observação:** os pronomes **o**, **a**, **os**, **as** podem aparecer nas formas **lo**, **la**, **los**, **las**, **no**, **na**, **nos**, **nas**.

a) Minha amiga é uma pessoa maravilhosa. Minha amiga sabe como manter as amizades.

b) O rapaz mudou-se, mas o carteiro localizou o rapaz.

c) O rapaz mudou-se, por isso o carteiro não conseguiu localizar o rapaz.

d) Descobriram as formigas e eliminaram as formigas.

e) Fui à casa de meus avós e apresentei minha noiva para meus avós.

f) Comprei os livros e encapei os livros.

g) O menino chorou lá dentro e ninguém foi buscar o menino.

h) Meus pais moram longe de mim, mas meus pais recebem muitas notícias minhas.

i) Devemos ser os primeiros a refletir sobre a educação cidadã, a incentivar a educação cidadã e a praticar a educação cidadã.

j) Aquele senhor é teimoso e parcial. Precisamos sempre dizer para aquele senhor que aquele senhor não é dono da verdade.

k) Informaram o ocorrido à professora, mas não disseram à professora toda a verdade.

Convite à leitura

O texto que você vai ler a seguir é um poema de Juó Bananére, do começo do século XX. Nessa leitura você vai poder constatar uma maneira especial de registrar a língua por escrito.

Quem é Juó Bananére?

Juó Bananére é o pseudônimo literário de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, que nasceu em Pindamonhangaba (SP) em 1892 e morreu em 1933. Machado passou a infância no interior paulista e em 1917 formou-se engenheiro pela Faculdade Politécnica da Universidade de São Paulo. Empregando uma linguagem toda especial, escrevia sátiras em algumas revistas e parodiava poetas conhecidos, como Olavo Bilac e Camões, além de satirizar políticos da época. Seus poemas foram reunidos no livro La divina increnca, publicado em 1924. O autor praticamente permaneceu anônimo, sobressaindo seu estilo original e irreverente sob a identidade de Juó Bananére.

Migna terra

Migna terra tê parmeras,
Che ganta inzima o sabiá,
As aves che stó aqui,
Tambê tuttos sabi gorgeá.

A abobora celestia tambê,
Che tê lá na mia terra,
Tê moltos millió di strella
Che non tê na Ingraterra.

Os rios lá sô maise grandi
Dus rio di tuttas naçó;
I os matto si perdi di vista,
Nu meio da imensidó.

Na migna terra tê parmeras
Dove ganta a galligna dangolla;
Na migna terra tê o Vapr'elli,
Chi só anda di gartolla.

BANANÉRE, Juó. *La divina increnca*.
São Paulo: Ed. 34, 2001. p. 8.

Diálogo com o texto

Troque ideias sobre o texto com seus colegas e o professor baseando-se nas questões a seguir.

1. O que primeiramente despertou sua atenção na leitura?
2. De forma geral, que opinião o eu lírico manifesta sobre sua terra?
3. De que aspectos naturais de sua terra o eu lírico fala?
4. O que é possível constatar sobre o modo como algumas palavras são grafadas?
5. O que você descobriu de peculiar no que diz respeito à autoria do poema?

Explorando o universo textual

Apesar de alguns elementos incomuns presentes no poema, você certamente compreendeu a ideia geral: o eu lírico falando de sua terra, como se percebe nos versos "I os matto si perdi di vista, / Nu meio da imensidó.", referentes ao tamanho da floresta existente ali. Talvez tenha reconhecido detalhes de outro poema, "Canção do exílio", de um poeta chamado Gonçalves Dias, que expressou sua saudade do Brasil quando estava em Portugal, justamente cantando as belezas da pátria. Ele escreveu mais de cinquenta anos antes que Juó Bananére e inspirou ainda outros poetas.

Neste capítulo, que trata das linguagens oral e a escrita e das variedades culta e popular, a proposta, ao apresentar o poema "Migna terra", é refletir principalmente a respeito da linguagem empregada por Bananére e em que medida ela é importante para expressar as ideias dele.

Se você pensou na sequência de letras ***d*** + ***e*** para grafar a palavra *de*, por exemplo, pode não ter compreendido a razão do registro *di*, que aparece em "di vista". Nos versos citados acima, a palavra ***e***, tão empregada para expressar acréscimo, foi grafada com a letra que mais lembra o modo como tantas vezes a pronunciamos: a letra ***i*** ("i os matto").

Uma palavra como *che*, repetida várias vezes no poema, também deve ter soado de forma estranha se você a pronunciou como *xê*, conforme se faz em português com a sequência de letras ***c*** + ***h***. Releia o poema, pronunciando *kê* ao ler essa palavra, como fazemos ao pronunciar a palavra *que* do português. O poema certamente fará mais sentido.

É justamente o nosso *que* a intenção do poeta ao grafar *che*. A pergunta que surge é: "Por que, então, ele não grafa ***q*** + ***u*** + ***e***?

Convém esclarecer alguns detalhes a respeito da linguagem do poema "Migna terra". Os desvios que você percebe na grafia de certas palavras são intencionais. Por meio deles, o poeta está expressando algo.

Este poema — e outros trabalhos de Juó Bananére — foram produzidos em um determinado contexto. Apesar de ser uma espécie de personagem, Juó Bananére tinha uma identidade: era um barbeiro que vivia na cidade de São Paulo no começo do século XX. Ele trabalhava em um bairro da região central chamado Abaix'o Piques, posteriormente chamado de Bixiga (como é conhecido hoje). Naquela época a cidade era em grande parte formada por imigrantes italianos.

Esse é o aspecto central da linguagem de "Minha terra". Ela reflete a forma de falar de boa parte dessa população, que misturava a pronúncia própria do idioma italiano com a do português. Isso ocorre, por exemplo, em *inzima* (que corresponde a *em cima*); *tambê* (que corresponde a *também*); *naçó* (que corresponde a *nação*). Pronúncias como essas podem ser ouvidas em telenovelas que retratam a São Paulo daquela época ou determinada variedade linguística de hoje.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossas flores têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

DIAS, Gonçalves.
Coimbra, julho de 1843.

Luiz Novaes/Folha Imagem

O sambista Adoniran Barbosa em 1979.
O compositor de *Saudosa Maloca*, utilizou uma determinada variedade liguística, na qual utiliza muitos elementos da fala popular de sua época na cidade de São Paulo.

E não é só isso que se vê no poema no que diz respeito à linguagem. Para representar a influência que já foi mencionada, o poeta chega a escrever as palavras de maneira a lembrar a grafia do italiano. Você constata isso no ***l*** duplo, no ***t*** duplo e no ***gn*** (que representa o som *nhê* em italiano) presentes em *migna*, *galligna*, *gartolla*, *strella*, *matto*, *tuttos*, *tuttas*. Essas grafias não existem nem mesmo em italiano; apenas lembram marcas importantes da escrita desse idioma.

Pode parecer estranho, mas não é incomum. Muitos nomes de lojas brasileiras lembram detalhes da grafia de outros idiomas, como o's do inglês.

Na verdade, palavras do vocabulário italiano mesmo há poucas no poema: *dove* (= onde), *mia* (= minha), *che* (= que), *chi* (= quem). Claro! O poeta não pretendia escrever em italiano, e sim usar uma maneira de falar português da população de São Paulo. Com isso, ele acabava mostrando também uma visão de mundo dessa população. Ainda hoje, quando lemos o poema, é em parte a visão de mundo daquela época que acabamos levando em conta. De fato, a linguagem é uma marca importante.

No poema é empregado um dialeto ítalo-português oral de sua época. Seu emprego acaba sendo uma forma de tratar com irreverência a produção literária extremamente séria que existia até então. Este é outro dado importante referente àquela época: muitos poetas (classificados como modernistas) passaram a valorizar em suas obras o português falado no Brasil (em contraste com o português falado em Portugal) e a variedade popular da língua.

Em resumo, tudo que pode parecer erro é uma forma intencional de usar a língua escrita. E esse uso significa algo.

Naturalmente existe um código convencional a ser seguido no registro escrito na norma culta, conforme você estudou na seção Para conhecer mais, mas ele não é o único viável, sobretudo na linguagem literária.

Outros autores já usaram esse recurso. Adoniran Barbosa, por exemplo, empregava deliberadamente determinada variedade regional em suas letras. Músicas como "Saudosa maloca" (1951), "Samba do Arnesto" (1953), "Trem das onze" (1964) e "Tiro ao álvaro" (1960) mostram isso. O poeta Patativa do Assaré, que você estudará nesta coleção, também explorava certa variedade linguística em seus poemas.

Longe de serem erros, todos esses desvios são, no fundo, pistas que o texto fornece ao seu leitor. O falar espontâneo do poema de Juó Bananére é importante para construir uma crítica em forma de paródia à postura "patriota" extremamente sentimental presente no poema de Gonçalves Dias. A brincadeira com a linguagem, nesse caso, reforça essa postura.

Atividade

Aplicar conhecimentos

1. Traduzir a variedade popular para a variedade culta comprometeria parte do sentido do poema, afinal, em certos textos, nem sempre importa o que se diz, mas o modo como se diz.

a) Escreva o poema em seu caderno, trocando as ocorrências típicas da variedade popular pelas formas que seriam usadas na norma culta.

b) Verifique as mudanças que você fez e os efeitos que elas provocaram. Escreva quais foram esses efeitos.

2. Sobre o tema televisão, construa um período que:

a) termine com ponto final: ____________________

b) termine com ponto de interrogação: ____________________

c) termine com reticências: ____________________

d) termine com ponto de exclamação: ____________________

3. Escreva um parágrafo sobre o tema televisão. Separe as ideias em períodos para que o leitor possa acompanhar o texto.

____

____

____

4. Nestas frases, as palavras destacadas estão escritas como, geralmente, são pronunciadas. Reescreva-as de acordo com as regras de ortografia:

a) Comecei a trabalhá em um lugar agradável. ____________________

b) Não foi fácil acostumá com essa ideia. ____________________

c) Vim com uma prima para ajudá na costura. ____________________

d) Não tenho nada a falá sobre esse assunto. ____________________

e) Talvez não conseguisse voltá para casa. ____________________

f) Passeei bastante antes de percebê que tava perdida. ____________________

5. Reescreva as frases, corrigindo os verbos que foram escritos incorretamente.

a) Eu quero dizê para vocês que os ônibus dessa linha tão cada vez mais raros.

____

____

b) E eu tenho que acordá mais cedo para não perdê a hora.

____

____

c) Pedi para trocá o produto, mas não concordaro.

____

d) O jornal é uma publicação que todo mundo ler.

____

e) Tá tudo bem, mas poderia está melhor, se não fosse a falta de respeito com a população.

____

____

f) Eles fizero uma pesquisa para sabê quantas pessoas teria oportunidade de trabalhá.

____

____

g) Nessa rua não temo paz nem para dormi.

____

h) Então eu resolvir escrever para vocês.

____

6. Leia as frases e complete as lacunas com as palavras *mas* ou *mais*.

Lembre-se: mas = porém. Nos demais casos, emprega-se **mais**.

a) Aqui chove ________ que na minha cidade.

b) Eu não vou ________ lá.

c) Tudo é possível, ________ é preciso colaborar.

d) Quanto é 25 ________ 39?

e) Quanto ________ eu o aconselho a não fazer isso, você faz!

f) Gosto de filmes, ________ os livros me interessam ________ do que eles.

g) Já fiz tudo por ele, ________ não farei ________ nada.

h) Você disse que não pode comprar ________ nada esse mês, ________ hoje é aniversário da Ana.

7. Leia o modelo e, a seguir, complete as frases.

É preciso estudar as regras.

É preciso estudá-las.

Lembre-se: palavra oxítona que termina em **a** tem acento; se o **i** estiver sozinho na sílaba tônica, ele é acentuado.

a) Eu gostaria de admirar o país.

Eu gostaria de______________________________________

b) Não consegui ouvir o pedido.

Não consegui______________________________________

c) Esqueci-me de grifar as palavras.

Esqueci-me de ______________________________________.

d) Não houve tempo de concluir o projeto.

Não houve tempo de ______________________________________.

e) Não fui capaz de impedir a vingança.

Não fui capaz de ____.

8. Reescreva no caderno os textos a seguir levando em consideração as normas da linguagem culta. Faça as modificações que julgar necessárias: evite repetições de palavras, substitua ou elimine palavras, use os sinais de pontuação, corrija as palavras que apresentam erros de grafia e de acentuação.

a) Sabemos que a leitura é uma das coisas que conseguir muda o homem, a leitura tem a capacidade de nos levar a lugar imaginario, imaginar coisas belissima, meu pai sempre diz quem ler e sábio meu pai esta lendo sempre que pode.

b) A leitura transforma as pessoa, assim que procuramos os livro, os livro revela culturas e os ensina e nos torna mais sabios de conhecimentos. Os livro nos leva ao sonhos, para realizar os sonhos sem sai de casa em viagens literarias.

Momento da escrita

Leia o início do parágrafo a seguir e copie-o no caderno. Identifique o assunto tratado e continue a escrevê-lo. Use as palavras que estão abaixo (*mas, além disso, assim*) observando o sentido de cada uma para iniciar os parágrafos seguintes. No final, crie um título para o texto.

A voz da mulher é ainda pouco ouvida em nossa sociedade. Afinal, ter competência para falar não implica ser ouvido.
Mas...
Além disso...
Assim...

Indicações de leituras, vídeos, músicas

Livro

- CAMARGO, José Eduardo e SOARES, L. *O Brasil das placas*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Site

- *Sunetto futuriste*, de Juó Bananére, na voz de Francisco Papaterra Limongi Neto: <http://www.carbonoquatorze.com.br/versaopaulo/primeiro/>.

Música

- "Inútil", de Ultraje a Rigor. WEA, 1983. Pode ser ouvida em: <http://roxmo.sites.uol.com.br/musicas/inutil.html>.